

Uma análise da guerra Hezbollah-Israel de 2006 à luz da teoria clausewitziana

A Clausewitzian Theory Analysis of the 2006 Hezbollah-Israel War

Rev. Bras. Est. Def. v. 10, n. 1, jan./jun. 2023, p. 45-72

DOI: 10.26792/RBED.v10n1.2023.75302

ISSN 2358-3932

KARIME CHEAITO
ALEXANDRE ROCHA VIOLANTE

INTRODUÇÃO

A teoria clausewitziana demonstra sua atualidade ao fornecer, até o tempo presente, um arcabouço teórico-analítico para os estudos sobre guerras. Sua ideia de que a guerra, em todas as suas fases, deve ser racionalmente guiada por um propósito político significativo, permanece atual, inclusive quando se aplica a teoria às guerras contemporâneas e/ou novas formas de guerra que possuem especificidade que as diferenciam da convencional.

Chegando à nossa era, os escritos de Clausewitz são provavelmente tão pertinentes aos nossos tempos quanto a maioria dos livros e literatura especificamente escritos sobre guerras convencionais ou nucleares modernas. [...] As teorias de Clausewitz são vistas como atemporais, visto que ele não analisou a guerra como um fenômeno mecânico, descrevendo como as batalhas eram travadas entre comandantes adversários. Em vez disso, ele analisou a guerra das perspectivas social, política, moral e emocional, bem como dos níveis tático e estratégico (Abdel-Kader 2006, s/p., tradução nossa).

Karime Cheaito é doutoranda em Relações Internacionais pelo Programa de Pós-Graduação San Tiago Dantas (Unesp-Unicamp-PUCSP). Contribuição no artigo: contextualização histórica, análise das táticas, estratégias e objetivos políticos e redação da Introdução, seções 1, 2, 4 e 5. Orcid.org/0000-0003-3060-3702. E-mail: karime.cheaito@gmail.com

Alexandre Rocha Violante é Pós-Doutorando e Doutor em Estudos Estratégicos pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Estratégicos (PPGEST- INEST UFF). Professor Colaborador de Relações Internacionais da graduação em Relações Internacionais da UFF e Instrutor de Relações Internacionais da Escola de Guerra Naval. Contribuição no artigo: desenvolvimento teórico e analítico das táticas, estratégias e objetivos políticos e redação da Introdução, seção 3 e Considerações finais. Orcid.org/0000-0003-4566-5252. E-mail: alexandreviolante@id.uff.br

Partido da afirmação de Clausewitz (1976, 89, tradução nossa) de que a “[...] guerra é um verdadeiro camaleão que sutilmente adapta suas características para o caso dado”, este artigo foi motivado pela seguinte questão norteadora: seria possível empregar preceitos e conceitos-chave da teoria clausewitziana da guerra, presentes na obra *On War* (1976), para compreender uma guerra do século XXI, que ocorreu fora do espaço geográfico europeu, em suas múltiplas características e complexidades? Nossa hipótese é que os conceitos-chave de Clausewitz permanecem atuais e, apesar das limitações temporais da teoria e das especificidades deste conflito em tela, são passíveis de serem aplicados para análise do caso elencado, sem a necessidade de neologismos sobre a guerra, tão presentes na atualidade. Neste sentido, tendo como objeto do conflito de 2006 envolvendo o Hezbollah e Israel, a investigação tem como objetivo central identificar a possibilidade, os limites e a atualidade da teoria de guerra desenvolvida por Clausewitz para analisar conflitos contemporâneos que possuem outras variáveis e dinâmicas, em comparação com o período ao qual o autor escreveu sua obra.

Tendo como foco do estudo de caso a Guerra de Julho — chamada assim pelos libaneses — ou Segunda Guerra do Líbano — para os israelenses — visa-se discorrer e refletir sobre os objetivos políticos, as táticas e as estratégias empregadas em ambos os lados do conflito à luz dos preceitos analíticos propostos por Clausewitz. Todo o percurso lógico-argumentativo do texto, assim como sua exposição, baseia-se na forma como esse autor compreende a guerra: a guerra seria uma forma de imposição de vontade com o uso da força. Assim, esta seria um instrumento para um propósito maior, que ele estabeleceu como sendo a política:

Vemos, portanto, que a guerra não é apenas um ato de política, mas um verdadeiro instrumento político, uma continuação da relação política, realizada com outros meios. [...] O propósito político é o objetivo, a guerra é o meio de alcançá-lo, e os meios nunca podem ser considerados isoladamente de seu propósito (Clausewitz 1976, 87).

Para o general prussiano, o propósito político se torna o ponto central, o qual “determinará, assim, tanto o propósito militar a ser atingido como a intensidade do esforço que ele exige” (Clausewitz 1976, 81, tradução nossa). Em diálogo com Farias (2019), entende-se que, para Clausewitz, a guerra deve ser compreendida e situada no âmbito das relações humanas e sociais. Diferentemente de autores que o precederam e que fixaram suas análises em valores fixos — como as técnicas de armamentos, suprimentos e/ou a busca por princípios imutáveis que constituíam as guerras —,

Clausewitz demonstrou a quantidade de variáveis que compõem uma guerra, abordando, inclusive, a moral e os seus efeitos psicológicos. Por esse motivo, dar-se-á enfoque na ampla repercussão do conflito, abrangendo, para além da questão militar e bélica, as repercussões políticas, sociais e econômicas.

Esse artigo, de caráter qualitativo e histórico-documental, empregou os métodos de pesquisa bibliográfica e documental, em conjunto com as técnicas de pesquisa de estudo de caso. Realizou-se um mapeamento e levantamento de fontes secundárias em plataformas nacionais, como a Periódicos Capes e o banco de pesquisas Fapesp, e internacionais, como a SciELO, a Scopus e Web of Science. A partir do estado da arte realizado, selecionou-se livros e artigos que foram comumente referenciados em diferentes pesquisas, com a delimitação focada em: análise da guerra a partir da perspectiva de pesquisas desenvolvidas no Líbano; levantamento de produções acadêmicas com a perspectiva israelenses sobre a guerra; produções que abordam sobre as táticas e estratégias empregadas no caso estudado; pesquisas contemporâneas sobre Clausewitz e o debate sobre sua (re)adaptação para casos atuais.

No caso das fontes primárias, especificamente os documentos libaneses, cabe ressaltar uma dificuldade estrutural e histórica do país no arquivamento e na possibilidade de acesso de quaisquer tipos de documentos oficiais. Desse modo, buscou-se apreender aqueles disponíveis e de acesso *online*, mas que constituem um número limitado de fontes. Por isso, utilizou-se principalmente relatórios produzidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) e documentos israelenses, quando disponíveis.

A partir das técnicas de pesquisa de estudo de caso, visa-se realizar uma visão macro do problema de pesquisa através da inserção do caso elencado para investigação no interior da lógica de um processo. Dentre os procedimentos metodológicos realizados, destaca-se: 1) formulação e delimitação do problema de pesquisa; 2) definição do caso; 3) determinação das variáveis que serão consideradas, privilegiando àquelas trabalhadas por Clausewitz (táticas, estratégias, operacional e objetivos políticos); 4) coleta de fontes, dados e documentos; 5) avaliação e análise dos materiais coletados e utilizados; 6) testagem da hipótese a partir do estabelecimento de nexos entre as informações e dados obtidos com o objetivo central; 7) verificação da consistência das informações e dados apresentados pelos autores, de diferentes espectros teóricos, ideológicos e metodológicos, assim como dos fundamentos que sustentam o debate entre eles; 8) sistematização da análise e dos resultados obtidos.

Destaca-se que quantidade relevante de materiais, encontrados no levantamento bibliográfico preliminar, demonstrou que as questões táticas

e estratégicas do confronto foram profundamente analisadas por pesquisadores, civis e militares, dos Estados Unidos da América (EUA) e de Israel, que buscaram compreender quais teriam sido as *falhas e erros* cometidos por militares israelenses. Já no que concerne às produções advindas do Líbano, nota-se uma predominância de pesquisas que enfocam na (1) utilização da propaganda e dos meios de comunicação por parte do Hezbollah durante a guerra, (2) nas consequências do conflito para a política doméstica e (3) como a guerra refletiu na atuação do Hezbollah como ator político.

Para exposição desta investigação, inicia-se o texto com a apresentação dos antecedentes históricos da guerra, notadamente o período de 2000 a 2006. Em seguida, dar-se-á destaque a conjuntura específica que demarcou o início da guerra e sua fase inicial. Após essa exposição, discorre-se sobre o debate entre guerra regular e irregular, seguido da análise sobre os objetivos políticos elencados por cada um dos lados envolvidos, a partir das definições clausewitzianas. A partir disso, apresenta-se o levantamento realizado no que concerne as táticas e estratégias utilizadas pelo Hezbollah e por Israel e encerra-se o artigo com um breve balanço das consequências imediatas do pós-guerra, acompanhado das considerações finais.

ANTECEDENTES HISTÓRICOS (2000-2006)

Para compreender o conflito entre Hezbollah-Israel, em 2006, é necessário analisá-lo a partir das décadas anteriores, principalmente a partir da invasão israelense iniciada em seis de junho de 1982. Orquestrada pelo então ministro da Defesa israelense Ariel Sharon e denominada de “Operação Paz na Galileia”, a invasão das tropas de Israel ao Líbano ocorreu pelos espaços terrestre, marítimo e aéreo e ocupou uma faixa de 40 quilômetros dentro do território, chegando até Beirute. O objetivo inicial apresentado era destruir e expulsar a OLP do Líbano, garantir a segurança de sua fronteira Norte e instalar um governo que fosse capaz de estabelecer as relações de paz com Israel¹ (Norton, 2007). O espaço ocupado foi denominado de “Zona de Segurança” e correspondia a, aproximadamente, 10% do total do território.

No mesmo ano, após os massacres de Sabra e Chatila,² as Forças de Defesa Israelenses (FDI) atingiram o objetivo de expulsar a OLP do país, sob a supervisão do primeiro contingente de uma força multinacional composta por estadunidenses, italianos e franceses. Contudo, apesar de ter atingido este objetivo em 1982, as forças israelenses permaneceram no país até 2000. Em 18 anos de ocupação, Israel realizou uma campanha militar contínua no país. Durante esse período, com a ocupação centralizada no Sul, as populações locais, de maioria xiita, passaram por interrogatórios, torturas e, qualquer pessoa suspeita de fazer parte do Hezbollah ou de apoiá-lo, era presa.

Outra tática utilizada era a punição contra familiares desses suspeitos. Um exemplo foi a Prisão de Khiam, que passou a ser considerada um dos principais símbolos da ocupação israelense e que abrigava ao menos três centros de tortura, sendo administrado tanto pelas forças de Israel, como por membros da milícia Exército do Sul do Líbano. Além dessas práticas, ocorreu também a destruição de símbolos religiosos xiitas, fato este que, somado aos anteriores, estimulou o desenvolvimento de táticas mais radicais de ação contra a presença israelense (Abisaab and Abisaab 2014).

A estrutura inicial da Resistência Islâmica Libanesa (RIL), que em 1984 foi denominada de Hezbollah, surgiu em 1982, no interior da guerra civil libanesa (1975-1990), sob motivação, principalmente, da invasão de Israel naquele ano. Embora os membros fundadores do Partido de Deus (Hezbollah, em árabe) tivessem sido fortemente influenciados pelas ideologias do Aiatolá iraniano Khomeini e da Revolução Iraniana, sendo o Irã o seu principal financiador e apoiador, o Hezbollah possuía objetivos políticos nacionalistas e pragmáticos (Cheaito 2023).

Sua fundação oficial é marcada em 1985, a partir da divulgação de um documento conhecido como Carta Aberta, que indicava os seus objetivos políticos e sociais, enfatizando (1) sua posição como resistência islâmica, (2) a necessidade de o Líbano retomar sua soberania diante a invasão israelense e (3) declarando como inimigos os EUA e Israel. Diante da invasão de 1982, da fragilidade do Estado libanês diante a guerra civil e da sub-representação política a qual a comunidade xiita esteve historicamente submetida,³ a luta declarada pela nova organização, composta por uma maioria de membros xiitas, foi considerada legítima, principalmente pelos libaneses.

A atuação armada do Hezbollah gerou preocupação para Israel desde seus anos iniciais. Essa preocupação é evidenciada na fala de Yitzhak Rabin,⁴ em 1985: “Penso que de todas as surpresas da guerra do Líbano, das quais a maior parte era ruim, a mais perigosa foi ver os xiitas saírem de suas garrafas” (Ferro 2008, 158). A organização desenvolveu, entre os anos de 1980 e 1990, treze princípios de guerra para lidar com a oposição israelense, sendo eles:

- (a) Evite o forte, ataque o fraco (ataque e recue).
- (b) Proteger nossos soldados é mais importante do que causar baixas inimigas.
- (c) Golpeie somente quando o sucesso estiver garantido.
- (d) A surpresa é essencial para o sucesso. Se você for avistado, você falhou.
- (e) Não entre em uma batalha definida. Afaste-se como fumaça, antes que o inimigo possa levar para casa sua vantagem.

- (f) Alcançar a meta exige paciência. Descubra os pontos fracos do inimigo.
- (g) Mantenha-se em movimento; evite a formação de uma linha de frente.
- (h) Manter o inimigo em alerta constante, na frente e na retaguarda.
- (i) O caminho para a grande vitória passa por milhares de pequenas vitórias.
- (j) Manter a moral dos lutadores; evite noções de superioridade do inimigo.
- (k) A mídia possui inúmeras armas cujos disparos são como balas. Use-os na batalha.
- (l) A população é um tesouro — alimente-a.
- (m) Machuque o inimigo e pare antes que ele abandone a restrição.⁵

De 1982 a 2000, como demonstrado por Norton (2007), o Hezbollah travou uma campanha estratégica e tática de defesa e resistência contra a ocupação israelense que foi considerada bem-sucedida. Neste momento, o grupo armado construiu uma forte base de apoio social que foi essencial para alcançar seu objetivo político de expulsão das FDI. Em 24 de maio de 2000 a campanha do Hezbollah alcançou êxito e Israel se retirou totalmente do sul libanês, ficando pendente — até os dias de hoje — a disputa territorial nas Fazendas de Shebaa,⁶ terreno de constantes tensões. Neste mesmo ano (2000), o Hezbollah passou por um debate interno, o qual se discutiu se o grupo deveria voltar o foco para a política interna libanesa ou manter-se com seu braço armado com uma postura de resistência à Israel no Líbano e no Oriente Médio. O autor descreve que, influenciado pelo líder iraniano Ali Khamenei, o então partido político Hezbollah concluiu que a tarefa de libertação do Líbano estava incompleta, devido às Fazendas de Shebaa, logo, necessitava manter sua posição armada de resistência como uma defesa contra possíveis ataques ou invasões.

Matthews (2008) afirma que após a retirada israelense, ambos os lados começaram a se preparar militarmente, principalmente o Hezbollah, para possíveis confrontos futuros. O próprio governo libanês ainda estava inseguro acerca das reais intenções israelenses e como estes agiriam após a retirada, relutando em enviar o fragilizado Exército libanês ao sul do país e negando-se a desmantelar a capacidade armada do Hezbollah. Aliás, este foi o único grupo que permaneceu armado após a guerra civil devido, segundo o argumento exposto, a (1) ausência de qualquer outro instrumento confiável para defender o Líbano de Israel; e (2) a ausência de uma estratégia de defesa por parte do governo libanês (Cheaito 2023).

Já em Israel, Matthews (2008) observa que, desde a retirada em 2000, as FDI incorporaram algumas teorias militares, com destaque para a *Effects-Based Operations* (EBO). Esse pensamento, que surgiu na Força Aérea dos EUA, tem suas raízes na ideia de que, com o advento da era da informação e das munições guiadas com precisão, seria possível que uma força militar destruísse porções específicas de seu inimigo com altos níveis de precisão.

A teoria EBO sustentava que o alvo destes ataques não deveria ser as tradicionais forças terrestres ou aéreas da linha de frente, mas, em vez disso, deveria ser o comando e controle, logística, radares, transporte e capacidades relacionadas, cuja destruição tornaria o inimigo incapaz de empregar suas forças militares e incapaz de atingir seus objetivos militares (Matthews 2008, 23, tradução nossa)

Para Matthews (2008), essa nova doutrina acrescentou problemas no interior das FDI, pois muitos oficiais não a compreendiam e outros não acreditavam em sua potencialidade. Mas, mesmo assim, “contra este pano de fundo, Halutz [comandante das FDI de 2005-2007] permaneceu extremamente confiante de que as FDI poderiam derrotar qualquer inimigo que tivesse a audácia de atacar Israel.” (Matthews 2008, 28, tradução nossa). Diante esse período de preparação, treinamento e pontuais focos de tensões diretas que, em julho de 2006, a guerra deixou de ser uma possibilidade futura e se concretizou.

12 DE JULHO DE 2006: O INÍCIO DA GUERRA

Embora tanto Israel, como o Hezbollah, estivessem se preparando caso um confronto ocorresse após a retirada israelense em 2000, o Secretário-Geral do Hezbollah, Hassan Nasrallah, afirmou que não tinha intenção de atacar militarmente Israel, mas objetivava sequestrar alguns soldados das FDI para negociar uma troca de prisioneiros, como já havia sido alertado pela organização em 28 de abril de 2006 (Matthews 2008; Daher 2011; Gabrielsen 2013). A prática de sequestro para troca de prisioneiros não constituía uma prática incomum na relação entre a organização e Israel. O Hezbollah já havia garantido a libertação de 23 libaneses e 400 prisioneiros palestinos em troca de um tenente-coronel da reserva das FDI capturado (Gabrielsen 2013).

Desde 2000, o Hezbollah tentava realizar o que chamou de *al-wa'd al-sadiq* (Promessa Fiel, em português), que consistia na libertação de prisioneiros libaneses que ainda estavam detidos nas prisões israelenses (Norton 2007). No dia 12 de julho de 2006, o Hezbollah lançou diversos foguetes

em direção ao território israelense e violou a linha azul.⁷ Simultaneamente, membros da organização atacaram uma patrulha israelense e sequestraram dois soldados — Eldad Regev e Ehud Goldwasser — em um ataque que resultou na morte de três e dois feridos (UN 2018).

Ao realizar a *al-wa'd al-sadiq*, o Hezbollah havia especificado que não pretendia um escalonamento do conflito, mas engajar em negociações indiretas com o Estado de Israel para uma troca de prisioneiros (Daher 2011). Contudo, essa estratégia logo se comprovou um erro de cálculo por parte do Hezbollah, pois, diferente dos sequestros anteriores, Israel respondeu a este ataque de forma maciça e imediata (Norton 2007). O Primeiro-Ministro israelense, Ehud Olmert, em pronunciamento, considerou a ofensiva na fronteira como um *ato de guerra* contra Israel, logo, a reação israelense deveria ser compreendida internacionalmente como defensiva.

Quero deixar claro: os acontecimentos desta manhã não foram um ataque terrorista, mas a ação de um Estado soberano que atacou Israel sem motivo e sem provocação. O governo libanês, do qual o Hezbollah é membro, está tentando minar a estabilidade regional. O Líbano é responsável e o Líbano suportará as consequências de suas ações (Olmert 2006, s/p, tradução nossa).

Em diálogo com a análise realizada por Daher (2011, 105), observou-se que o início da guerra se caracterizou pela:

[...] série de ataques aéreos e terrestres contra o Líbano, o que ficou rapidamente conhecido no Ocidente sob o nome de “guerra dos 33 dias”. No curso desse afrontamento de mais de um mês, o exército israelense procedeu com bombardeios aéreos contínuos, concentrados sobre as zonas xiítas, e várias incursões terrestres, apoiados nos últimos dias de uma invasão de grande envergadura.

Ahmad Farhat (2014) observa que, quando a guerra eclodiu em 2006, os contextos locais, regionais e internacionais influenciaram na decisão política e estratégica israelense de proclamar a guerra. No âmbito interno do Líbano, considerou-se a instabilidade política local após, principalmente, o assassinato do ex-Primeiro-Ministro Rafic Hariri, que gerou uma cisão entre os grupos sectários e, conseqüentemente, entre os partidos políticos libaneses. Nessa ocasião, um ataque contra o Hezbollah era identificado, pelo governo israelense, como uma forma de gerar uma reação de parcelas da população libanesa que já se encontravam contra as operações e atuações do partido.

No âmbito regional e internacional, Farhat (2014) destaca a estratégia israelense de, com o início da guerra, angariar apoio internacional na pressão pela implementação efetiva da resolução 1559 do Conselho de

Segurança da ONU, que exigia o desarmamento de todas as milícias armadas formadas durante a guerra civil, incluindo o Hezbollah (UN Security Council 2004). Para garantir seu armamento, o Hezbollah argumentava que só deixaria suas armas quando Israel se retirasse totalmente do país, tendo o caso das Fazendas de Shebaa como principal ponto para que o partido político e grupo armado continuasse, na sua argumentação, a representar uma força de resistência. Além disso, a sua principal base de apoio — a comunidade xiita — rejeitou a Resolução 1559 (Saad-Ghorayeb 2008).

Hassan Nasrallah alegou, posteriormente, que se o Hezbollah tivesse previsto que a operação de sequestro levaria a uma guerra de alta intensidade, esta teria sido abortada: “se eu soubesse em 11 de julho [...] que a operação levaria a tal guerra, eu o faria? Eu digo não, absolutamente não” (*Al Jazeera*, 27/08/2006). Como aponta Gabrielsen (2013), o Hezbollah foi estrategicamente surpreendido com a rápida e agressiva resposta de Israel, que, no dia 13 de julho, bombardeou a pista do Aeroporto Rafiq Hariri, anunciou um bloqueio aéreo e marítimo ao Líbano e, com ataques aéreos no sul do Líbano, matou 35 civis (*Al Jazeera*, 20/08/2006).

A guerra escalou rapidamente, pois, além de já estarem treinados e preparados, o contra-ataque do Hezbollah à invasão também ocorreu de forma imediata. No dia 14 de julho, a organização disparou um foguete anti-navio de fabricação iraniana contra um navio da marinha israelense em Beirute e matou quatro marinheiros israelenses. De acordo com Laish (2011), chefe do Departamento de Planejamento de Guerra das Forças Aéreas de Israel, esta guerra foi de alta intensidade, mesmo sendo travada contra um ator assimétrico — considerando que o Hezbollah não constitui uma força armada regular e não possui o poderio bélico de Israel. No entanto, mesmo não sendo uma força armada regular, pode-se afirmar que o Hezbollah constitui uma força irregular? Neste ponto, estende-se o debate: seria essa guerra de caráter regular ou irregular?

O CARÁTER DA GUERRA: GUERRA REGULAR OU IRREGULAR?

Para adentrar neste ponto do artigo, torna-se necessário perpassar, em um primeiro momento, sobre as especificidades do Hezbollah. Considera-se necessário incorporar nos estudos as múltiplas camadas que o compõem e que interagem de modo interconectado: as ideologias religiosas, objetivos políticos, atuação como organização armada, atuação como partido político, atuação doméstica e regional. Alguns autores, como Rauta (2019), propõem a concepção de *atores híbridos* para compreender atores não-estatais como o Hezbollah, que possuem como particularidade a capacidade de estabelecer relações com as forças regulares do Estado, interagir e partici-

par diretamente da esfera política, estabelecer alianças com outros Estados e participar de guerras regulares. Cientes do debate existente sobre essas terminologias (regular x irregular) e, especificamente, o caso do Hezbollah nesta seara, foca-se em nosso objetivo central: a possibilidade de aplicar as definições de Clausewitz no caso em tela, sem neologismos apresentados por alguns atores sobre o caráter da guerra.

No caso da guerra regular, pressupõe-se que uma sequência de vitórias táticas resultaria, supostamente, na vitória estratégica. Neste caso, estima-se que bastaria vencer todos, ou a maioria ou, ainda, os mais decisivos embates táticos para conseguir assegurar a vitória. Contudo, como Clausewitz (1976) expõe, dentro da guerra existe a fricção, que pode modificar os cursos de uma guerra e é o que diferencia a Guerra Absoluta da Guerra Real. Já na guerra irregular, a concentração de esforços não seria voltada para o nível tático, mas estariam orientados e ajustados para atuar no nível político, este sim o foco dos efeitos desejados (Sá 2011, 23). Desse modo, as ações táticas passam a ser mais pontuais, seletivas e restritas, em prol da política.

Heydte (1990, 37) conceitua uma guerra irregular como “o conflito armado, no qual as partes não constituem grandes unidades, mas pequenos e muito pequenos grupos de ação, e cujo desfecho não é decidido em poucas e grandes batalhas [...]”. A guerra irregular é a “guerra das sombras”. Entende-se, desse modo, que esta guerra pode ser caracterizada como um fenômeno bélico em que não há uso de, somente, meios regulares. Em outros termos, ela traz assimetria entre os contendores, em que o ator que está em desvantagem bélica — como o caso do Hezbollah — busca alterar a ordem vigente através dos seus meios disponíveis. Além disso, por ser composto por membros civis, há dificuldade em se identificar aqueles que são os combatentes e os não-combatentes. Outro elemento é que o Estado não seria, necessariamente, o ator principal na condução da guerra estabelecida. Novamente, no caso elencado para este estudo, torna-se notório que as atuações do Hezbollah durante a guerra possuíam um determinado — e expressivo — grau de autonomia em relação ao Estado libanês.

A guerrilha, o terrorismo, as guerras revolucionárias, de resistência, de libertação nacional e de contra-insurgência estão contidos dentro da definição de guerras irregulares, salvo algumas especificações e peculiaridades. Pode-se apreender que estas guerras estariam na *névoa da guerra* de Clausewitz, tanto pelos meios utilizados quanto por seus agentes. Para Saint-Pierre (1997, 166),

Distinguir “guerra revolucionária”, “guerra nacional”, “guerra de libertação”, não é tarefa fácil, inclusive porque pode acontecer, como Lenin já tinha percebido, que um conflito comece como uma “guer-

ra de libertação” para se transformar, com o passar do tempo, numa guerra civil com confronto de classes, isto é, em “guerra revolucionária”.

Para realizar a análise do caráter desta guerra e averiguar a possibilidade de empregar a teoria de Clausewitz no estudo de caso, parte-se para a trindade paradoxal clausewitziana, composta notadamente pelo Povo, Forças Armadas (FA) e Governo. Entende-se que, enquanto no conflito regular clássico, a violência é aplicada prioritariamente sobre a componente Forças Armadas — de modo a eliminar sua capacidade de resistir — na guerra irregular a aplicação da força se direciona sobre outro vértice da trindade: o povo. Este componente do Estado é regido pela emoção e é o alvo de desestabilização da trindade do adversário. Logo, apresenta-se a exploração da componente *vontade*, evocada por Clausewitz, com o uso da força física, de forma dosada, sobre este aspecto emocional (o Povo) da trindade, que apoia a técnica (FA) no uso da estratégia como ponte à consecução dos objetivos político-estratégicos dos atores envolvidos.

Mao Tsé-tung (1893-1976), considerado por Saint-Pierre (1997) o formulador da guerra revolucionária dentro da corrente de pensamento marxista, sistematizou a guerra revolucionária por três estágios pelos quais a guerra irregular passaria. Em seu primeiro estágio, (1) o inimigo é “forte” e o insurreto é “fraco”;⁸ (2) a estratégia do inimigo será a ofensiva e do insurreto a defensiva; (3) a principal tática do insurreto será a guerra de movimento, guerrilha e guerra de posição (suplementar). Em seu segundo estágio, espera-se (1) um impasse na correlação de forças; (2) a estratégia da oposição passa pela consolidação de posições, enquanto o insurreto se prepara para a contraofensiva. Nesse ponto, a guerrilha passa a ser a tática principal e a guerra de movimento suplementar. No seu terceiro estágio, o insurreto já possui condições de enfrentamento direto. A estratégia da oposição, então, é a retirada, e o insurreto passa à contraofensiva com a guerra de movimento passando a ser novamente a principal tática. A guerra de posição cresce e a guerrilha adquire importância suplementar (Tsé-Tung 1938).

Nessa linha de pensamento, os diferentes tipos de guerras irregulares podem coexistir em um confronto. As guerras revolucionárias, as guerras de libertação nacional e as guerras de resistência — como podem ser analisadas as guerras nas quais o Hezbollah se envolveu, devido seus objetivos e contextos — podem ser compreendidas como guerras irregulares devido às características civis de seus membros, o potencial de seus instrumentos bélicos (em comparação às Forças israelenses) e sua afeição aos objetivos políticos a serem alcançados serem maiores do que aos métodos a serem

empregados. Entende-se que, mesmo o Hezbollah sendo um ator que está presente e atuante na esfera política libanesa e, mais diretamente, no Estado libanês, a guerra não pode ser compreendida como uma guerra do Líbano *versus* Israel — no sentido clássico de uma guerra interestatal — embora o governo libanês tenha condenado as ações e invasões israelenses. Como o primeiro-ministro libanês, Fouad Siniora (15/07/2006), afirmou:

O governo libanês anunciou, desde o primeiro momento em que os fatos ocorreram, que não tinha conhecimento prévio do que havia acontecido. Também não endossou a operação realizada pelo Hezbollah, que levou ao sequestro dos dois soldados israelenses. [...] O Líbano não poderá se reerguer se seu governo for o último a saber e o primeiro a ser responsabilizado.

Reforça-se que, enquadrar a guerra entre Hezbollah e Israel de 2006 em apenas uma categoria analítica, constitui uma dificuldade deste estudo e reconhece-se o risco de decair em análises simplistas de um fenômeno complexo. Contudo, observa-se que é possível analisá-la sob o prisma de uma guerra irregular, sem desconsiderar que, em diversos momentos, utilizou das forças e métodos regulares. Como exposto pelo próprio Exército Nacional Libanês, mesmo com suas limitações e fragilidades, as forças conseguiram deslocar cinco brigadas em agosto de 2006 para auxiliar o Hezbollah na fronteira (Lebanese Armed Forces 2012). Nesse sentido, nota-se que a guerra em tela teve ataques diretos entre forças militares regulares, pelo menos de forma relativa, que a poderiam caracterizar, também, como uma guerra regular, em uma evolução da guerra irregular inicialmente implementada e, até mesmo, em ações concomitantes. Esse debate pode ser compreendido no limiar e na limitação da tipificação de guerra regular e irregular, inserido no que Clausewitz denomina de *névoa da guerra*. Como se propõe, neste estudo, uma análise da guerra entre Hezbollah e Israel de 2006 a partir da teoria clausewitziana, entende-se que seus objetivos políticos devam ocupar uma parte central neste texto. Por esse motivo, dividiu-se a exposição a partir da perspectiva israelense e, posteriormente, do Hezbollah.

SE “A GUERRA É UMA CONTINUAÇÃO DA POLÍTICA POR OUTROS MEIOS”, QUAIS FORAM OS OBJETIVOS POLÍTICOS DESTA GUERRA?

Iniciando a análise acerca de Israel, considerado o atacante político, Encel (2007) afirma que os fundamentos estratégicos e filosóficos da política sionista israelense não podiam ignorar um atentado que matou seus soldados e capturou outros dois. Ehud Olmert definiu o sequestro como um

“ato de guerra” e afirmou que atacaria de forma “muito dolorosa e de longo alcance” (McGreal 2006). Contudo, observa-se que, naquele momento, os interesses de Olmert com a guerra também circundavam a credibilidade de seu governo e de Israel em um momento de ascensão política do Irã, aliado do Hezbollah, na região. O Primeiro-Ministro israelense, inclusive, menciona o Irã diretamente em seu discurso sobre a guerra: “Irã e Síria continuam a se intrometer, de longe, nos assuntos do Líbano e da Autoridade Palestina, por meio do Hezbollah e do Hamas” (Olmert, 17/07/2006).

Com isso, Olmert anunciou (17/07/2006), os objetivos políticos de Israel:

Vamos insistir no cumprimento dos termos estipulados há muito tempo pela comunidade internacional, como expresso de forma inequívoca ainda ontem na resolução dos 8 principais países do mundo:

- O retorno dos reféns, Ehud (Udi) Goldwasser e Eldad Regev;
- Um cessar-fogo completo;
- Desdobramento do exército libanês em todo o sul do Líbano;
- Expulsão do Hezbollah da área e cumprimento da Resolução 1559 das Nações Unidas.

Já os objetivos políticos do Hezbollah, segundo Gabrielsen (2013), podem ser resumidos em negar a Israel a conquista de seus objetivos. O pesquisador afirma que os objetivos do grupo, comparados com os de Israel, eram limitados, com enfoque na: troca de prisioneiros; sobrevivência da organização; legitimação de sua existência; e o fortalecimento de sua posição doméstica no cenário de instabilidade que se alastrava na política libanesa. Em longo prazo, o autor aponta que Hezbollah tinha um objetivo mais ambicioso: quebrar a imagem de invencibilidade das FDI, enfraquecendo a postura de dissuasão israelense. Contudo, os autores supracitados nesta pesquisa concordam em um ponto: os objetivos políticos do Hezbollah, principalmente os mais imediatos, eram menos ambiciosos e mais exequíveis do que os de Israel. Esse fato refletiu nos desdobramentos da guerra e, principalmente, em seus resultados.

DIMENSÕES ESTRATÉGIAS E TÁTICAS: COMO ISRAEL E HEZBOLLAH ATUARAM NA GUERRA, A PARTIR DAS CATEGORIAS CLAUSEWITZIANAS

Para Clausewitz (1976), embora a tática e a estratégia estejam em constante interação, elas possuem sentidos diferentes. Como demonstrado pelo autor, os meios táticos e estratégicos não são fixos e atemporais, mas se

caracterizam pelas transformações que os perpassam ao longo dos anos, influenciadas pelas conjunturas e pelos desenvolvimentos bélicos. Existe, nesse sentido, uma pluralidade de ações táticas e estratégicas.

A tática pode ser compreendida como o emprego das forças no combate e, de acordo com Clausewitz, centra-se nos fatores materiais de uma guerra que serão utilizados em um combate para se alcançar o sucesso tático. A evolução das armas, por exemplo, afeta diretamente o modo com as táticas serão planejadas e aplicadas, modificando, concomitantemente, a estratégia, para que haja uma coerência na ação (Farias 2019).

A estratégia está relacionada com a “utilização dos engajamentos para atingir o propósito da guerra” (Clausewitz 1976, 128, tradução nossa). Nesse sentido, a estratégia é responsável pelo planejamento das batalhas, tendo como foco as forças, o espaço e o tempo que serão necessários para que se atinja o objetivo final, que está relacionado com o objetivo político. Como salientado por Clausewitz (1976) a estratégia forma um elo que interliga o nível tático com os propósitos políticos e uma estratégia bem-sucedida é aquela capaz de identificar o centro de gravidade do adversário e direcionar toda energia à ele, para gerar uma destabilização que impossibilite o adversário de recuperar suas forças de modo total. Dentre os elementos estratégicos que são considerados no planejamento, pode-se destacar: os morais, os físicos, os matemáticos, os geográficos e os estatísticos.

Aplicando as definições expostas, iniciada a guerra em Julho de 2006, observa-se que Israel ocupava a ofensiva estratégica e tática e o Hezbollah a posição de defesa, estratégica e tática, embora em diversos momentos, ao longo do confronto, essas posições se alternassem. Por esse motivo, optou-se, na pesquisa, por analisar, de forma ampla, quais foram as estratégias e táticas empregadas por ambos.

Laish (2011, s/p) observa que existe uma dificuldade histórica em avaliar as estratégias israelenses, uma vez que Israel enfrenta um antigo problema com a gestão de seu nível estratégico: “Não foram encontrados documentos básicos que definam a estratégia militar de Israel em geral, especialmente aqueles que definiram a estratégia para a guerra de 2006 no Líbano”. Somado a isso, o militar israelense pontua que, por anos, os governos israelenses foram criticados por serem insuficientes no campo do planejamento estratégico.

A partir do material possível de ser consultado, nota-se que a estratégia empregada por Israel se centrou no planejamento de um ataque massivo contra o Hezbollah, com foco em atingir seus recursos militares, sua sede em Beirute e sua infraestrutura no sul do Líbano. O objetivo vinculado a essa estratégia era demonstrar a determinação e a capacidade de atuação

de Israel contra a oposição libanesa, atacando via espaço aéreo e terrestre. Inicialmente, a tática consistia no emprego apenas do poder aéreo — o único capaz de atingir o arsenal de foguetes de longo alcance do Hezbollah. Por esse motivo, no início da guerra e nos dias que sucederam, os ataques aéreos aumentaram exponencialmente, atingindo parte da infraestrutura do Hezbollah em todo o sul do Líbano e na sede em Beirute, além de vitimar 35 civis apenas no primeiro dia de ataque aéreo. Taticamente, esses ataques foram um sucesso para Israel. Estrategicamente, eles demonstraram suas limitações.

Sarah E. Kraps (2007), cientista política estadunidense e veterana da Força Aérea dos EUA, destaca em seu artigo três pontos fracos da estratégia israelense nesta guerra: 1) a extrema confiança das lideranças israelenses no poder aéreo, obscurecendo as possibilidades de outras estratégias que poderiam ter sido mais eficazes; 2) a manutenção da mentalidade clássica nas lideranças israelenses que, a exemplo de outras batalhas — como Kosovo em 1998⁹ — aplicou o poder aéreo em um ambiente incongruente, acreditando na superioridade estratégica deste em relação às forças terrestres; 3) a ineficácia das estratégias focada no poder aéreo contra um adversário assimétrico, como o Hezbollah. Laish (2011), ao reavaliar as falhas táticas das FDI, principalmente aquelas utilizadas nos ataques aéreos, afirma que o possível motivo dos erros decorreu ao fato de que oficiais e demais combatentes não compreenderam a tipologia daquela guerra e, conseqüentemente, agiam a partir de táticas que não correspondiam à situação vigente.

No 31º dia de guerra, aplicou-se outra estratégia: a invasão terrestre. Neste momento, o Conselho de Segurança da ONU emitiu a Resolução 1701 com o objetivo de dar fim à guerra (UN 2006). Sendo assim, as FDI tinham 60 horas para alcançar os objetivos políticos de Israel. A ideia de que os avaliados como *ambiciosos* objetivos políticos de Israel na guerra poderiam ser alcançados em 60 horas deveria ser considerada irrealista, principalmente ao se considerar que Israel havia lutado por dezoito anos contra o Hezbollah sem chegar ao fim desejado.

Sobre as estratégias do Hezbollah, essas se centravam na defesa da resistência, por isso podem ser caracterizadas como estratégias defensivas de acordo com os preceitos de Clausewitz (1976). Como descrito por Durovray (2019), a *resistência*, na retórica do Hezbollah, refere-se à resistência à atuação israelense em território libanês. As suas estratégias defensivas estavam baseadas em uma combinação de guerra de desgaste, guerra de guerrilha operacional e amplo apoio social, mobilizando fortemente os meios de comunicação e propaganda. Uma parte crucial da estratégia desenvolvida e implementada para assegurar os seus objetivos foi a criação

de uma rede maciça de quase 600 bunkers, construídos de 2000 a 2006, todos eles colocados em pontos estratégicos e logísticos no sul do Líbano, os quais Israel só obteve conhecimento em 19 de julho de 2006 (*Al Jazeera*, 20/08/2006). Gabrielsen (2013) afirma que alguns foram construídos com até 50m de profundidade. Nesses bunkers, o Hezbollah criou estoques com munições, armamentos e suprimentos que eram suficientes para várias semanas de lutas e eram menos vulneráveis aos ataques aéreos israelenses.

As lideranças estrategistas do Hezbollah concluíram que, para derrotar a ofensiva de Israel, era necessário um novo projeto estratégico e tático que diferísse daquele implementado durante a ocupação israelense de 1982-2000. Em sua obra *Voices of Hezbollah*, Hassan Nasrallah aponta, posteriormente, sobre as características do Hezbollah no confronto: “Quero esclarecer este ponto: não era um exército regular, mas [também] não era um exército guerrilheiro [no sentido tradicional]. Era algo no meio”. (Nasrallah 2007, 396, tradução nossa e acréscimos ao original).

O novo plano estratégico e tático desenvolvido pelo Hezbollah ao conflito consistia na formação de um movimento que mesclava táticas de guerrilha, com estratégias convencionais, que resultou em vantagens operacionais (Durovray 2019). Como analisado por Matthews (2008), esse novo modelo de combinação de métodos espelhava a abordagem utilizada, anteriormente, pelos vietnamitas durante a guerra contra os EUA.¹⁰

A estratégia convencional aplicada pelo Hezbollah incluía, no âmbito logístico, um considerável e variado poder de fogo, capaz de atingir todo o norte de Israel a partir do arsenal de foguetes Katyusha. A aplicação de uma estratégia convencional, somada com a tática de guerrilha, dificultava a atuação das FDI no interior do Líbano, principalmente pela aplicação da estratégia de desgaste do inimigo. O armamento utilizado pelo Hezbollah, embora ainda em níveis inferiores comparados com a tecnologia e potencial bélico de Israel, também foi outra variável relevante pois surpreendeu os adversários, devido à modernidade da tecnologia empregada.

System	Range (Kilometers)	Warhead Weight (Kilograms)	Supplier
ZelZal-2	210	600	Iran
Nazeat	100-140	1,300(6)/250(10)	Iran
Fajr 3	43	45	Iran
Fajr 5	75	90	Iran
302mm	75	100	Syria
220mm	70	Unknown	Syria
122mm	20	30	Iran/Syria
107mm	6	Unknown	Iran/Syria

Figura 1 — Foguetes do Hezbollah.

Fonte: Matthews 2008, 91.

System	Range (Kilometers)	Penetration	Guidance System (Manual/Laser/Wire)
Kornet AT-14	3.5 mi	1,100–1,200 mm	Laser
Kornet AT-5	75 m	800 mm	Wire
Metis-M AT-13	80 m to 1.5 km	460–850 mm	Wire
Sagger AT-3	3 km	200 mm	Wire
Fagot AT-4	70 m to 2 km	400 mm	Wire
Milan	400–2,000 m	352 mm	Wire
TOW	600–3,700 m	800 mm	Wire
RPG-29	460 m	750 mm	Manual
RPG-7	500 m	3300 mm	Manual

Figura 2 — Armas Anti Tanque utilizadas pelo Hezbollah.

Fonte: Matthews 2008, 92.

Uma estratégia realizada, já mencionada neste trabalho, que recebeu a atenção dos pesquisadores e analistas estratégicos foi a extensa rede defensiva de bunkers, criada e utilizada estrategicamente pelo Hezbollah. Em pesquisa de campo realizada em 2018, notou-se que diversos destes bunkers foram fortificados externamente e os bunkers mais importantes — de comando e armamentos — foram escavados profundamente em colinas rochosas no sul do Líbano, enquanto bunkers de munições e armas foram colocados ao sul do rio Litani. Por razões de segurança, Matthews (2008) destaca que nenhum comandante sabia a localização precisa de cada bunker. Cada unidade de comando sabia a localização de, no máximo,

três — um bunker de munições primárias e dois bunkers de reserva, caso o bunker primário fosse destruído.

Laish (2011) observa que, estrategicamente, o Hezbollah agiu conforme seu planejamento inicial e em constante diálogo com seus objetivos políticos. A utilização dos bunkers, a realização de disparos massivos de foguetes contra o norte de Israel e as táticas de guerrilha contra as ações terrestres dos israelenses no interior do território libanês garantiram seu sucesso estratégico, nos termos de Clausewitz. Neste nível de análise, o grupo também previu que as FDI atacariam com armas de precisão de longo alcance naqueles pontos chamados, por Clausewitz (1976), de centros de gravidade estratégicos. Para impedir essa ação, o Hezbollah eliminou estes pontos. Deste modo, em qualquer guerra contra Israel, o grupo não haveria qualquer ativo estratégico crítico que pudesse ser atacado e destruído.

Em contraste com a avaliada como bem-sucedida das estratégias defensivas do Hezbollah, Laish (2011) aponta que as FDI não agiram de acordo com uma estratégia ofensiva coerente. Embora, no início da guerra, a estratégia de realizar ataques aéreos massivos tenha sido taticamente bem-sucedida, assim como as ações terrestres próximas à fronteira, observa-se que não existia uma conexão direta entre as atividades realizadas e um objetivo político definido. Os debates acerca das falhas estratégicas de Israel no conflito resultaram no Comitê de Winograd, o qual elaborou um relatório que aponta os erros cometidos e critica a gestão estratégica da guerra em todo período de confronto. No relatório, elenca-se um conjunto de tópicos que apontam as “principais falhas nas decisões tomadas e nos processos decisórios” (Winograd 2007). Entre estas, destacam-se a ausência de uma estratégia clara e coerente, que estivesse articulada com os objetivos políticos de Israel; os esforços políticos começaram tardiamente e não estavam coordenados com as atividades militares; e a incapacidade de definir uma estratégia e de discuti-la em tempo real. Essa série de erros fez com que, em 33 dias, Israel optasse por se retirar do Líbano.

O Hezbollah estava convencido de que, em qualquer guerra, Israel dependeria fortemente do ar e das armas de precisão da artilharia e limitaria o uso das forças terrestres, principalmente em território libanês. Matthews (2008) escreve como o planejamento operacional e tático do Hezbollah para enfrentar as FDI perpassavam essa linha de raciocínio. Por esse motivo, o grupo armado não foi surpreendido com as táticas ofensivas de Israel e, por prever corretamente as linhas de movimento israelense, minou todas as estradas centrais ao sul do Líbano, obrigando os combatentes israelenses a avançarem em um ritmo muito mais lento daquele característico de 1982. Segundo Gabrielsen (2013), essa antecipação de movimentos foi pos-

sível devido a escuta dos telefones celulares dos oficiais israelenses e foi fundamental para a sua estratégia.

Como mencionado, diferente de Israel, o Hezbollah conseguiu manter durante o conflito um alinhamento entre seus objetivos políticos, estratégicos e táticos, considerado essencial nas análises apresentadas por Clausewitz (1976). A tática de lançamentos dos foguetes Katyusha resultou em uma ofensiva eficaz. De acordo com Matthews (2008), todo o processo de instalação e lançamento dos foguetes levava menos de 28 segundos. A grande maioria dos sistemas responsáveis estava escondida nos bunkers que resistiam aos ataques aéreos e de artilharia de precisão israelenses.

Sabendo que as FDI desejavam causar impactos em seus sistemas e infraestrutura, o Hezbollah criou uma rede de células autônomas com pouca interação sistêmica intercelulas. Isso permitiu com que o grupo ganhasse tempo para utilizar seus foguetes de precisão em alvos no território israelense (Durovray 2019). A espera e posição, nos termos clausewitzianos, foram as vantagens utilizadas pelo Hezbollah, tanto nesse momento tático, como de 2000 à 2006, período em que conseguiu se preparar para um possível conflito, enquanto Israel lidava, militarmente, com as revoltas palestinas, como a Segunda Intifada.¹¹

No que condiz com a atuação da Inteligência, Encel (2007) afirma que a principal falha israelense foi não ter apreendido ou identificado a construção da extensa rede de bunkers que o Hezbollah instalou ao longo da fronteira. As duas horas de ataques aéreos na primeira noite de ofensiva e a destruição de grande parte das plataformas de lançamento de mísseis capazes de atingir Tel-Aviv não compensou, totalmente, o fato de o serviço de inteligência militar israelense não captar a construção dos bunkers e da posse de foguetes anti-tanques modernos que Hezbollah tinha acesso. Já o Hezbollah, em trabalho conjunto com os oficiais da inteligência libanesa, como analisado por Matthews (2008), adquiriu vantagens ao conseguir dismantelar a rede de espionagem israelense e conseguiu, através das escutas telefônicas, construir posições defensivas reforçadas.

Por fim, como uma guerra limitada nos termos de Clausewitz (1976), esta terminou com a imposição de um cessar-fogo pela ONU. Com a resolução 1701, o Hezbollah precisou remover sua presença armada na zona fronteira e, em seu lugar, o Exército libanês passou a ocupar a região, assim como a força da UNIFIL (UN 2006). Esse fato representou uma conquista pontual para Israel, pois era uma das demandas expostas em seus objetivos político-estratégicos. Mas, ao avaliar os sucessos estratégicos e táticos do conflito, nota-se que há uma discrepância significativa entre Israel e o Hezbollah.

33 DIAS: UM BALANÇO PÓS-GUERRA

Para realizar um balanço do imediato pós-guerra, além dos efeitos táticos e estratégicos, visa-se neste tópico aprofundar os efeitos políticos e sociais do confronto. A reação de Israel foi identificada, pela própria ONU, como desproporcional, pois ao final da guerra contabilizou-se uma média de 3 mil bombas lançadas por dia pelos israelenses diante de um total de 3.970 foguetes utilizados pelo Hezbollah ao longo de todo o conflito. De acordo com o Relatório, o número de mortes na guerra foi largamente superior no Líbano, totalizando em 1.187 mortes e 4.092 feridos, sendo grande parte das vítimas crianças. Já em Israel, 43 civis e 117 soldados das FDI morreram e cerca de 100 pessoas ficaram grave e moderadamente feridas, segundo dados de Israel (UN 2018).

Para Gabrielsen (2013), ao avaliar os resultados da guerra através dos objetivos estipulados, Israel aparece em desvantagem em relação ao Hezbollah, que possuía objetivos políticos mais modestos e mais adequados de serem alcançados. Sobre os soldados capturados, eles não foram devolvidos naquele momento, assim como não se acabou com a atuação e presença do Hezbollah no Líbano. A pontual conquista obtida refere-se à retirada do Hezbollah da fronteira sul e a redistribuição do Exército no local, assim como um aumento da presença da ONU através da Unifil. Ainda assim, o pesquisador aponta que o significado estratégico da presença do Exército na região fronteira pode ser prejudicial à Israel em longo prazo, já que uma expressiva parcela das patentes no Exército são xiitas e tem simpatia pelo Hezbollah. De modo geral, como retratado, a estratégia israelense na guerra foi falha, haja vista os próprios erros reconhecidos pelo Estado de Israel.

Sobre o Hezbollah, a campanha de guerrilha preparada contra Israel permitiu-lhes uma vantagem decisiva para escolher onde e quando engajar, usufruindo das vantagens da *espera e posição*, nos termos clausewitzianos. Apesar da celebração de vitória por parte do Hezbollah, quanto aos sucessos táticos e estratégicos alcançados, ao analisar os efeitos políticos da guerra, no interior do Líbano pouco se comemorou. Após a guerra, tornou-se perceptível o aumento da tensão entre os grupos políticos e sectários que constituem a estrutura política libanesa. Essa tensão pode ser evidenciada a partir dos diversos questionamentos por parcelas expressivas da população local acerca dos motivos que levaram ao início do conflito e suas consequências. Dentre as consequências, inclui-se um projeto de reconstrução estimado em US\$ 5 bilhões e um pesado tributo em vidas e bens pessoais: além dos civis mortos, 15.000 casas foram destruídas (Norton 2007). Com isso, apesar de alcançar seu objetivo de solidificar-se

como um importante ator armado e político libanês, além de conseguir trocar os dois soldados israelenses por cinco prisioneiros libaneses em 2008, o Hezbollah não foi capaz de fortalecer sua estima nacional durante a guerra. Em 2008, por exemplo, uma crise política chegou próxima à eclosão de uma nova guerra civil.

Mesmo tentando justificar a guerra ao afirmar que Israel estava planejando um ataque para o outono e que, devido ao sequestro, antecipou a ofensiva para julho, a realidade é que o Hezbollah teve um erro estratégico ao não calcular as possíveis consequências que o sequestro de dois soldados israelenses traria ao país. Após a guerra, o debate doméstico iniciado em 2000 acerca do desarmamento do Hezbollah se intensificou. Tais discussões ocorriam tanto em âmbito doméstico, como no campo internacional.

No âmbito econômico, um relatório elaborado pelo Instituto de Finanças do Líbano em 2006, apontou que, devido à guerra, a atividade econômica do país caiu drasticamente a partir da segunda metade do ano. Com isso, o Instituto redefiniu suas prioridades e reorganizou seus compromissos, especialmente com relação a seus parceiros estrangeiros. Todas as atividades só foram, parcialmente, retomadas apenas em outubro de 2006 (Líbano 2006).

Desde 2006, com exceção das fazendas de Shebaa, o Hezbollah e Israel têm vivido tempos de relativa paz. A questão é quanto tempo essa dissuasão durará.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz da teoria clausewitiziana da guerra, utilizada neste artigo, embora possua limitações temporais do período em que foi escrita e das mudanças globais que ocorreram nos âmbitos da Defesa e Segurança, foi possível apreender que os preceitos e conceitos de Clausewitz (1976) permanecem válidos e auxiliam nas análises de guerras do século XXI, demonstrando a atualidade das análises do autor no que concerne à temática.

Apesar das dificuldades em acessar documentos oficiais para a análise e estabelecer, a partir de Clausewitz, a tipologia da guerra, haja vista os variados métodos e meios utilizados pelos contendores, as premissas e análises advindas da teoria clausewitiziana permanecem atuais e se mostram capazes de analisar tanto guerras convencionais, como as guerras irregulares, a exemplo do estudo de caso em questão. Desse modo, percebe-se que o fenômeno da guerra precisa ser analisado através do diálogo (ou ausência deste) entre objetivos políticos, estratégias e táticas, como propõe Clausewitz. Além disso, o autor e militar prussiano sugere com que incorporemos em nossas análises outros elementos que eram desconsiderados pelos analistas de sua época, como a questão psicológica e a moral

em uma guerra, fortemente exploradas por ambos os lados em conflito em suas propagandas e discursos. É interessante perceber que na guerra irregular, dentro da trindade paradoxal de Clausewitz, tanto Israel quanto o Hezbollah buscavam angariar os “corações e mentes” do povo à sua causa.

Conclui-se que na Guerra de Julho, ou Segunda Guerra do Líbano, Israel demonstrou uma desconexão entre seus objetivos políticos, suas estratégias e as táticas implementadas, que resultaram em falhas de atuação no confronto e uma dessincronização entre a política e as estratégias. Logo após o término da guerra, Israel criou um Comitê e desenvolveu um relatório para analisar seus erros e falhas. Embora com conquistas pontuais, principalmente na região da fronteira, estas, em longo prazo, podem se mostrar um erro estratégico a Israel, pois o apoio que o Hezbollah possui, inclusive de membros das Forças Armadas, pode garantir espaço para que assegure a consecução dos objetivos políticos mais amplos do partido político e grupo armado.

O Hezbollah, por outro lado, desenvolveu uma estratégia de guerra que estava articulada e coerente com os objetivos políticos desejados, sendo estes menos ambiciosos e mais possíveis de serem alcançados. Por esse motivo, quanto ao resultado da guerra, analiticamente, este foi mais favorável ao Hezbollah. Contudo, estrategicamente — principalmente no plano doméstico — a guerra gerou diversas perdas e insatisfação de parcelas da população libanesa que busca, atualmente, desarmar o Hezbollah.

Em suma, visou-se com este trabalho fomentar o debate e contribuir com as pesquisas existentes sobre Clausewitz na contemporaneidade ao incorporar, em uma guerra do século XXI e ocorrida em território não-Ocidental, preceitos e definições desenvolvidas pelo autor no que concerne a análise de uma guerra. Sendo esta um “camaleão”, conclui-se que suas contribuições analíticas seguem válidas e pertinentes mesmo diante das mudanças globais dos últimos séculos. Enfatiza-se, por fim, que a guerra, para além de táticas, estratégias e objetivos, também possui o importante vetor humano, que não pode ser subestimado.

REFERÊNCIAS

Abdel-Kader, Nizar. “Clausewitz and His Treatise On War and Its Relevance to the 21st Century | *شيفان بلال شيف جلال يمسرلا عقوملا*”. www.lebarmy.gov.lb/en/content/clausewitz-and-his-treatise-war-and-its-relevance-21st-century#_edn9.

Abisaab, Rula Jurdi, e Malek Abisaab. 2014. *The Shi'ites of Lebanon: modernism, communism, and Hizbullah's Islamists*. 1. ed. Middle East studies beyond dominant paradigms. Syracuse, New York: Syracuse University Press.

Al Jazeera. 2006. “Nasrallah Says He Did Not Want War” (27 ago.). www.aljazeera.com/news/2006/8/27/nasrallah-says-he-did-not-want-war.

Al Jazeera. 2006. “Timeline: Lebanon Conflict” (20 ago.). www.aljazeera.com/news/2006/8/20/timeline-lebanon-conflict.

Barno, David W. *Challenges in Fighting a Global Insurgency*. 2006. www.carlisle.army.mil/usawc/parameters/Articles/06summer/barno.pdf.

Calfat, Natália Nahas Carneiro Maia. 2017. “O modelo consociativo para sociedades plurirreligiosas: reflexões e aprendizados sobre a experiência confessional libanesa”. Text, Universidade de São Paulo. doi.org/10.11606/D.8.2017.tde-13042017-092309.

Cheaito, Karime Ahmad Borraschi. 2023. “O processo de designação do Hezbollah como organização terrorista pelos Estados Unidos da América: acusações, contradições e consequências (1985-2006)”. Universidade Federal Fluminense.

Clausewitz, Carl von. 1976. *On War*. Princeton, N. J.: Princeton University Press.

Daher, Aurélie. 2011. “Le Hezbollah libanais et la résistance islamique au Liban: des stratégies complémentaires”. *Confluences Méditerranée* 76, n° 1: 101–11. doi.org/10.3917/come.076.0101.

Diniz, Eugênio. 2004. Compreendendo o Fenômeno do Terrorismo. In Paz e Terrorismo — Textos do Seminário “Desafios para a Política Internacional: Missões de Paz da ONU, Europa e Américas”, edited by Clóvis Brigagão, and Domício Proença Jr.: 197–222. São Paulo: Hucitec.

Durovray, Clara. 2023. La stratégie d’influence du Hezbollah au Sud-Liban. “Pensées mili-terre” Centre de doctrine et d’enseignement du commandement”. www.penseemiliterre.fr/article-niv4_1013077.html.

Encel, Frédéric. 2007. “Guerre libanaise de juillet-août 2006: mythes et réalités d’un échec militaire israélien”. *Hérodote* 124, n° 1: 14–23. doi.org/10.3917/her.124.0014.

Farhat, Ahmad Ibrahim. 2014. *Hezbollah and Israel: Norms, Exceptions, and Game Theory*. American University Beirut. scholarworks.aub.edu.lb/handle/10938/10227.

Farias, Anna Carolina Monéia. 2019. *Clausewitz e os conceitos de terrorismo: continuação da guerra ou continuação da política?*. Universidade Estadual Paulista. repositorio.unesp.br/handle/11449/190849.

Gabrielsen, Iver. 2013. "Military Strategy and the Conduct of the 2006 Israel–Hezbollah War". *Comparative Strategy* 32, no. 5: 435–42. (nov.) doi.org/10.1080/01495933.2013.840206.

Gilpin, Robert. 2005. "War Is Too Important to Be Left to Ideological Amateurs". *International Relations* 19, no. 1: 5–18. (mar.). doi.org/10.1177/0047117805050059.

Heydte, Frederich August von der. 1990. *A Guerra Irregular Moderna — Em políticas de defesa e como fenômeno militar*. Rio de Janeiro: Bibliex.

Kalb, Marvin, and Carol Saivetz. 2007. "The Israeli—Hezbollah War of 2006: The Media as a Weapon in Asymmetrical Conflict". *Harvard International Journal of Press/Politics* 12, no. 3 (julho de 2007): 43–66. https://doi.org/10.1177/1081180X07303934.

Kreps, Sarah. 2007. "The 2006 Lebanon War: Lessons Learned". *The US Army War College Quarterly: Parameters* 37, no. 1 (1 mar.). doi.org/10.55540/0031-1723.2343.

Laish, Gur. 2011. "The Second Lebanon War — A Strategic Reappraisal". *Military Strategy Magazine*. www.militarystrategymagazine.com/article/the-second-lebanon-war-a-strategic-reappraisal/.

Lebanese Armed Forces. 2023. "US Military Assistance to Lebanon: Equipping LAF Not Transforming It | عقوملأ". www.lebarmy.gov.lb/en/content/us-military-assistance-lebanon-equipping-laf-not-transforming-it.

Libano. *Rapport Annuel*. 2006. Institut des Finances. www.institutdesfinances.gov.lb/wp-content/uploads/2018/09/Rapport-Annuel-2006.

Matthews, Matt. 2008. *We were caught unprepared: the 2006 Hezbollah–Israeli War*. Fort Leavenworth, Kan: Combat Studies Institute Press, US Army Combined Arms Center, 2008.

McGreal, Chris. 2006. "Capture of Soldiers Was 'act of War' Says Israel". *The Guardian* (12 jul.). World news. https://www.theguardian.com/world/2006/jul/13/israelandthepalestinians.lebanon1.

Nasrallah, Hasan, Nicholas Noe, and Nicholas Blanford. 2007. *Voice of Hezbollah the Statements of Sayed Hassan Nasrallah*. London: Verso.

Norton, Augustus Richard. 2007. "The Role of Hezbollah in Lebanese Domestic Politics". *The International Spectator* 42, n° 4: 475–91 (dez.). doi.org/10.1080/03932720701722852.

Olmert, Ehud. 2006. “Prime Minister Olmert Speech to Knesset On Violence in Lebanon and Gaza Strip (July 2006)”. www.jewishvirtuallibrary.org/prime-minister-olmert-speech-to-knesset-on-violence-in-lebanon-and-gaza-strip-july-2006.

PM Olmert. 2006. *Lebanon is responsible and will bear the consequences*. Ministry of Foreign Affairs (Israel). www.gov.il/en/departments/news/pm-olmert-lebanon-is-responsible-and-will-bear-the-consequences-12-jul-2006.

Rauta, Vladimir. 2020. “Towards a Typology of Non-State Actors in ‘Hybrid Warfare’: Proxy, Auxiliary, Surrogate and Affiliated Forces”. *Cambridge Review of International Affairs* 33, n.º 6: 868–87 (1 nov.). doi.org/10.1080/09557571.2019.1656600.

Sá, M. B. 2011. *As Forças Armadas brasileiras frente ao terrorismo como nova ameaça*. pt.scribd.com/document/101573608/As-FA-Brasileiras-frente-ao-Terrorismo-como-Nova-Ameaca.

Saint-Pierre, Hector Luis. 1997. “Considerações sobre a teoria de guerra revolucionária de Mao Tsé-tung”. *Crítica Marxista*: 162–77.

Nações Unidas. 2003. “Security Council Resolution 1701: The situation in the Middle East | UN Peacemaker”. peacemaker.un.org/israellebanon-resolution1701.

Siniora, Fouad. 2006. “PM address to the Lebanese People about the Israeli agreement during the July 2006 war on Lebanon | قروي ن س ل ا داؤف — ي م س ر ل ا ع ق و م ل ا | PM Fuad Siniora”. www.fuadsiniora.com/ar/node/1596.

The Winograd Report, 2007. “The Winograd Report”. *AIJAC* (blog), 30 de abril de 2007. <https://aijac.org.au/update/the-winograd-report/>.

Tsé-Tung, Mao. 1938. *On protracted war*. www.marxists.org/reference/archive/mao/selected-works/volume-2/mswv2_09.htm.

Unifil. “Unifil Background”, 9 de março de 2016. <https://unifil.unmissions.org/unifil-background>.

UN Security Council. 2004. 59th. Resolution 1559 (2004). Adopted by the Security Council at Its 5028th Meeting, on 2 September 2004” (2 set.) digitallibrary.un.org/record/529421.

UMA ANÁLISE DA GUERRA HEZBOLLAH-ISRAEL DE 2006 À LUZ DA TEORIA CLAUSEWITZIANA

RESUMO

É possível empregar preceitos e conceitos-chave da teoria clausewitziana da guerra, presentes na obra *On War* (1989), para compreender uma guerra do século XXI, que ocorreu fora do espaço geográfico europeu, em suas múltiplas características e complexidades? A partir desta pergunta-problema, o objeto da pesquisa passa pelo conflito Hezbollah-Israel, ocorrida entre julho e agosto de 2006. Nossa hipótese é que os conceitos-chave de Clausewitz permanecem atuais e, apesar de limitações temporais, são passíveis de serem empregados para analisar as especificidades deste conflito em tela. Assim, como objetivo central, esta será analisada sob o prisma teórico-conceitual de Clausewitz, presente em *On War* (1989), com foco nas concepções de: objetivos políticos; guerra limitada e ilimitada; atacantes e defensores políticos, estratégicos e táticos; vantagem da espera e da posição; e dissuasão, sem os neologismos aplicados à guerra, na atualidade. Partindo dos métodos de pesquisa histórico-documental, em conjunto com as técnicas de estudo de caso, perpassa-se por um panorama histórico desde as causas da guerra, até como Israel e Hezbollah desenvolveram e aplicaram seus objetivos políticos, suas estratégias e táticas, chegando, ao fim, em um breve balanço final no pós-guerra. Conclui-se que a guerra de 2006, consideradas as suas especificidades, transitou entre diversos conceitos clausewitzianos.

Palavras-chave: Hezbollah; Israel; Clausewitz; Guerra de Julho.

ABSTRACT

Is it possible to employ key precepts and concepts of the Clausewitzian theory of war, present in *On War* (1989), to understand a twenty-first century war, which occurred outside the European geographic space, in its multiple characteristics and complexities? From this question-problem, the object of the research goes through the Hezbollah-Israel conflict, which occurred between July and August 2006. Our hypothesis is that Clausewitz's key concepts remain current and, despite temporal limitations, are amenable to being employed to analyze the specificities of this conflict in screen. Thus, as a central objective, this will be analyzed from Clausewitz's theoretical-conceptual prism, present in *On War* (1989), focusing on the conceptions of: political objectives; limited and unlimited warfare; political, strategic, and tactical attackers and defenders; advantage of waiting and position; and deterrence, without the neologisms applied to war today. Drawing on historical-documentary research methods, in conjunction with case study techniques, a historical overview is provided from the causes of the war, to how Israel and Hezbollah developed and applied their political objectives, strategies, and tactics, arriving, finally, at a brief final post-war assessment. It is concluded that the 2006 war, considering its specificities, transited between several Clausewitzian concepts.

Keywords: Hezbollah; Israel; Clausewitz; July War.

Recebido em 16/06/2023. Aceito para publicação em 21/11/2023.

NOTAS

1. Ressalta-se que o Líbano e Israel estão em estado de guerra desde 1948. Até os dias atuais, os dois países não possuem nenhum tipo de relação diplomática, política ou econômica.
2. Os massacres nos campos de refugiados palestinos Sabra e Chatila, em Beirute, ocorreram entre os dias 16 e 18 de setembro de 1982, no contexto da guerra civil libanesa e durante a ocupação israelense da cidade. Na ocasião, milícias ligadas ao partido libanês de extrema-direita Kataeb, aliado de Israel, invadiram os campos e assassinaram ao menos 2.400 pessoas, a maioria mulheres, crianças e idosos, e o exército israelense foi considerado conivente com os massacres.
3. A sub-representação política da comunidade xiita está atrelada, notadamente, ao sistema político que rege as estruturas políticas, sociais e militares do país, denominado de Confessionalismo. Sob influência do período colonial francês, essa estrutura se consolidou no processo de independência e no Pacto Nacional Libanês de 1943. Estipulou-se que os principais cargos políticos-administrativos-militares do país seriam atribuídos aos cristãos maronitas, identificados por um contestado censo demográfico realizado pela França, em 1932, como o grupo étnico-religioso majoritário. Com isso, sunitas e, principalmente, os xiitas — que foram identificados como a minoria — foram prejudicados no acesso a recursos e representatividade política.
4. General e ex-Primeiro-Ministro de Israel, no cargo entre 1974-1977 e 1992-1995.
5. Os 13 princípios estão originalmente na obra *Ehud Ya'ari, 'Hizballah: 13 Principles of Warfare', The Jerusalem Report, 21 March 1996*, mas podem ser encontrados em Gabrielsen (2014).
6. As fazendas de Shebaa são um pedaço de terra de 25 km² de propriedades libanesas, localizadas nas Colinas de Golã, que estão ocupadas por israelenses.
7. Essa linha foi criada em 7 de junho de 2000, pela ONU, e serve para identificar as fronteiras internacionalmente reconhecidas do Líbano e reforçar o respectivo respeito tanto de Israel quanto do Líbano em não violá-la, incluindo o espaço aéreo libanês e suas águas territoriais.
8. As concepções de “forte” e “fraco” fazem referência ao potencial bélico e ao domínio de recursos em cada um dos lados em confronto.
9. Sem o uso de nenhuma força terrestre e com 78 dias de ataques aéreos, o presidente sérvio, Slobodan Milosevic, foi forçado a se render, deixar Kosovo e aceitar o Acordo de Rambouillet, aparentemente proporcionando uma história de sucesso para o poder aéreo. Análises subsequentes, no entanto, sugeriram que o poder aéreo por si só não foi responsável pela derrota sérvia.
10. As táticas de guerrilha utilizadas pelos *vietcongs* estão entre as mais bem sucedidas da história, servindo de base inspiradora para outros grupos que

os sucederam, como o Hezbollah. Dentre as táticas incorporadas, foca-se na apreensão das técnicas inimigas e na capacidade de se adaptar a elas. Crítica e autocrítica durante o confronto também formavam um importante componente, para identificar os erros e os acertos em batalhas. E, por fim, a capacidade de elaborar armadilhas contra o adversário, se apropriando do conhecimento prévio do terreno e da geografia.

11. A Segunda Intifada começou em 28 de setembro de 2000, quando Ariel Sharon, líder do partido de oposição da extrema direita israelense, fez um discurso reafirmando o controle sobre os territórios reivindicados pelos palestinos, quebrando o que havia sido acordado no Acordo de Oslo. Naquele mesmo mês, Sharon visitou a mesquita de Al Aqsa, na parte árabe de Jerusalém, escoltado por policiais e militares fortemente armados. Os palestinos encararam a visita como uma provocação. Iniciou-se, neste momento, os conflitos entre palestinos e israelenses, que perdurou por 5 anos, encerrando-se em 8 de fevereiro de 2005.